



Maria é presença: apoio, modelo e guia

Ir. Linda Pocher, FMA

A presença viva de Maria nas nossas Casas é apoio e modelo da nossa presença, junto daqueles que nos foram confiados. Quanto mais aprendermos a reconhecê-la, mais capazes seremos de nos deixarmos guiar por Ela.

Na primeira comunidade cristã

Na primeira comunidade cristã à espera do Pentecostes (At 1, 12-14), a Mãe de Jesus é a única, além dos onze, a ser chamada pelo nome, pormenor que confere certa autoridade à sua presença.

No início do Evangelho de Lucas - onde os Atos constituem o segundo capítulo - o autor afirma ter feito indagações cuidadosas a testemunhas diretas dos factos relativos a Jesus «desde o princípio» (Lc 1, 4).

A esta declaração de método, segue-se a história da infância de Jesus, que tem Maria como protagonista, que desta forma se apresenta como memória viva de Jesus, testemunha privilegiada da sua origem e, portanto, da sua identidade mais profunda.¹

Além disso, o livro dos Atos indica na «concordia» um traço característico da primeira comunidade. Antes da Páscoa, porém, Jesus havia profetizado a dispersão dos discípulos (Mt 26,31) e, de facto, após ter sido preso, alguns fogem, outros negam.

Outros, porém, juntamente com as mulheres e com Maria, enchem-se de coragem e ficam até ao fim. A primeira comunidade, portanto, foi de facto dividida em duas. E a presença de Maria poderia ter sido uma espécie de reprovação contínua para aqueles que a traíram.

Se não foi assim, devemos-lo também à capacidade de Maria, de perdoar os traidores de seu Filho e de os acolher de novo, como seus filhos².

Além disso, os primeiros cristãos estavam unidos «em oração». No capítulo 4 dos Atos, descreve-se a forma como a comunidade rezava perante as perseguições: depois de recordar as maravilhas de Deus, invocavam o Espírito e procuravam discernir o apelo de Deus naquele momento presente. Deus responde com uma nova efusão do Espírito, que os torna capazes de perseverar no anúncio do evangelho.

A oração de Maria é descrita por Lucas na cena do encontro com Isabel (Lc 1, 46-55). É muito provável que o Magnificat reflita o modo de rezar de Maria na primeira comunidade cristã à espera do Espírito Santo e que o evangelista o tenha inserido retrospectivamente no relato da visitação.³

A oração de Maria inicia também com a gratidão, pelos dons de Deus, abre-se ao dom do Espírito e ao discernimento do momento presente: na sua misericórdia, inicia um processo de libertação que culminará no Pentecostes, mas que tem o seu início no segredo do seu ventre.

Maria, portanto, na primeira comunidade cristã é uma presença que ajuda os crentes a recordar Jesus; a viver a misericórdia; a acolher o dom do Espírito em vista do discernimento do presente e da missão.

Na experiência de Dom Bosco

Os sonhos marianos de Dom Bosco são uma fonte preciosa, onde ir buscar, por assim dizer, «por dentro» as características da sua relação com Maria e o papel que a sua presença teve no desenvolvimento do seu método educativo e da sua espiritualidade⁴.

¹ Cf RATZINGER, J., *L'infanzia di Gesù*, Città del Vaticano 2012, 25.

² Cf GIOVANNI PAOLO II, *Dives in Misericordia* 9.

³ Cf VALENTINI, A., «Magnificat», in S. DE FIORES – V. FERRARI SCHIEFER – S. PERRELLA, ed., *Mariologia*, I dizionari San Paolo., Cinisello Balsamo (MI) 2009, 785-790.

⁴ Cf BOZZOLO, A., «Presentazione», in ID., ed., *I sogni di don Bosco. Esperienza spirituale e sapienza educativa*, Roma 2017, 6.

No sonho do elefante, por exemplo, vemos a estátua de Maria, colocada pelo Santo no pátio de Valdocco, a ficar maior e animada, para proteger os jovens da agressão do animal, que, a princípio, parecia querer brincar com eles, mas, depois de os atrair a si, feria-os até à morte, pisando-os sob os seus pés.⁵

Aqueles que se refugiam sob o manto de Maria, são salvos; os feridos curam-se; osãos tornam-se seus colaboradores junto dos companheiros. Salvar, curar, transformar: são ações que somente o Espírito Santo pode realizar na vida dos crentes.

O manto aberto de Maria representa, portanto, a ação de Deus, que se torna presente de forma particular com os seus dons naqueles que se entregam a Maria, que na experiência educativa de Dom Bosco assume também a tarefa de ajudar os seus próprios filhos a abrir-se à ação de Deus no Espírito.

A história narrada no sonho, além disso, inicia com a Mãe Margarida que bate à porta do quarto do filho, para o avisar do perigo. Margarida desaparece depois da cena, durante todo o tempo em que Maria está a trabalhar. Aparece novamente, quando a imagem de Maria volta a ser apenas uma estátua. A continuidade educativa entre as duas figuras não podia ser expressa de forma mais eloquente.⁶

Como a Igreja, também o oratório é, antes de tudo, um corpo, uma comunidade, na qual o Senhor reúne os seus filhos. A presença atenta e ativa de Margarida e de Maria que, ao lado de Dom Bosco, partilham a sua missão educativa, contribuíram para o amadurecimento da consciência de que o oratório é um ambiente que educa através de uma multiplicidade de interações positivas, que estimulam a participação ativa e responsável de todos.

Na comunidade de Mornese

Ao longo da história do Instituto, a Auxiliadora tem sido constantemente sentida como uma presença viva e ativa. «Ela é a verdadeira superiora da Casa», dizia Madre Mazzarello e, colocando as chaves ao pé da sua estátua, exprimia toda a sua confiança naquela presença protetora e inspiradora,⁷ exprimindo, ao mesmo tempo também a opção de exercer a própria autoridade na comunidade educativa, a partir de uma forte consciência fraterna, que favorecia «a participação ativa e criativa de todas, apesar da diversidade de papéis e tarefas».⁸

Este estilo de governo, que hoje não hesitaríamos em chamar sinodal, tem as suas raízes na experiência vivida como jovem, na associação das Filhas da Imaculada. De facto, na amizade com Petronila, Maria Domingas aprendeu a abrir-se à alegria do Magnificat.

O canto de alegria e gratidão de Maria, é, realmente, o fruto de um encontro interpessoal que se abre ao discernimento da ação de Deus no momento presente. Como Maria e Isabel, Maria Domingas e Petronila aprenderam a reconhecer a presença e a obra de Deus uma na outra. O olhar que sabe reconhecer a ação de Deus no outro, consola e fortalece na fé, na esperança e na caridade.⁹

Esta aliança feminina estender-se-á naturalmente na fundação e no governo do nascente Instituto e é particularmente evidente, por exemplo, no episódio da caminhada ao Santuário das Graças, em Lerma, quando o grupo das primeiras Irmãs, formandas e professoras, se encontra, casualmente, com uma menina, suja e esfarrapada, que precisava de ser alimentada, educada e asseada¹⁰.

Quando um olhar é capaz de ver a necessidade, é imediatamente seguido pela diligência da mão. Como Maria com Jesus e os servos de Caná, Madre Mazzarello dirigiu-se às irmãs para suscitar a colaboração responsável de todas: umas levaram-na ao riacho para a lavar; outras fizeram um vestido novo de um saiote; outras ainda ensinaram-lhe um pouco de catecismo.

«Fazei com liberdade o que exige a caridade», gostava de repetir Madre Mazzarello às primeiras Filhas de Maria Auxiliadora: «Fazei com liberdade o que Jesus vos disser», poderíamos traduzir, parafraseando as palavras de Maria em Caná. E, certamente, não eram apenas palavras, mas pôr em prática as palavras de uma verdade de fé incarnada no quotidiano.

Só o amor, de facto, liberta. E estas mulheres do campo eram verdadeiramente livres, na sua capacidade de amizade sincera e caridade sempre pronta a dar, que viviam na presença e com a ajuda de Maria.

⁵ Cf CERIA, E., ed, *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco*, Torino 1939, XVIII, 357-360.

⁶ Cf CARELLI, R., «“Ha fatto tutto lei”. La Madonna nell’esperienza di don Bosco», in A. BOZZOLO, ed., *Sapientiam dedit illi. Studi su don Bosco e il carisma salesiano*, Roma 2015, 191.

⁷ Cf CAPETTI, G., ed., *Cronistoria dell’Istituto delle Figlie di Maria Ausiliatrice*, Istituto FMA 1977, II, 132.

⁸ CAVAGLIA, P., «Il carisma educativo di S. Maria Domenica Mazzarello», in M.E. POSADA, ed., *Attuale perché vera. Contributi su S. Maria Domenica Mazzarello*, Roma 1987, 171.

⁹ MENEGUSI, M. – RUFFINATTO, P., ed., *Con te, Main, sui sentieri della vita*, Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice Ambito per la formazione, Roma 2007, 67-69.

¹⁰ Cf *Cronistoria*, II, 258.